

A DESIGUALDADE NA BÍBLIA

GONZALO M. DE LA TORRE GUERRERO

Centro Bíblico Camino, Quibdó, Chocó, Colômbia

1. Entender a história humana para compreender a história bíblica

A Bíblia não faz teoria da igualdade. Simplesmente apresenta o ser humano atuando, e este demonstra a sua capacidade de ser humano pela possibilidade de exercer a igualdade e se tornar pior do que um animal quando tenta implantar a desigualdade. A igualdade, por conseguinte, no plano humano, não é ponto de partida, mas o é a desigualdade, pois todo ser humano precisa combater sua tendência natural ao uso do poder para tornar-se verdadeiramente humano.

É o que nos diz a ciência quando responsabiliza nosso cérebro reptiliano e límbico (herança animal) pelos atos abusivos do poder que provocam a desigualdade. Se conseguirmos que os dois cérebros atuem sob a orientação do nosso terceiro cérebro, o neocórtex, conseguiremos conformar uma sociedade igualitária. Mas sabemos que isso somente se consegue à medida que o terceiro cérebro se desenvolva e assuma o controle do nosso comportamento, que pouco a pouco se torna humano. É a razão pela qual a igualdade é meta e não ponto de partida. Sinal de que chegamos a um significativo grau de maturidade humana.

Isso indica que a construção da igualdade e solidariedade é patrimônio e dever de todas as culturas e não dom particular de alguma cultura privilegiada por Deus, como muitas vezes alegam as grandes religiões do planeta. Também não há razão para dizer que há Deuses e Deusas mais propensos à igualdade do que outros, pois o modo de perceber a divindade sempre depende das qualidades que a cultura lhe atribui, que a faz sua. Deus é a expressão do que socialmente é o ser humano.

A igualdade depende da atitude que em determinado momento da história assumam as pessoas ou instituições. Cultura, nação, religião, instituição ou pessoa “se tornam mais igualitárias” quando descobrem o valor da igualdade em seu processo de humanização e estejam dispostas a sacrificar por ela qualquer tipo de interesse.

A tendência que comprovamos na história é que o ser humano valoriza a igualdade quando é vítima da desigualdade. Assim percebemos quando a coletividade humana, ameaçada por animais mais fortes, desfruta um grau de igualdade no período paleolítico, sob a sociedade “matrística”, liderada por suas “Deusas mães da Vida”, que com o corpo nu - ventres e seios expostos - protegem as vidas que nascerão e chamam a sociedade a ser solidária e igualitária.

Ao mesmo tempo, há o exemplo do neolítico, quando a desigualdade aumenta, a fim de uns poucos serem felizes. O neolítico é o tempo em que a sociedade se organiza de acordo com a capacidade de acumulação de bens: sobram excedentes econômicos, graças ao sedentarismo que transforma a agricultura, que autoriza “o poderoso” a se apropriar dos bens e impor impostos àqueles que conquista, submetendo-os à escravidão. A humanidade, no neolítico, retorna à lei do mais forte, tornando sua a lei que prevalece no reino animal.

2. O mundo bíblico bebe do mundo global

Israel, como nação nascida após o neolítico, herda as características da sociedade verticalista e servil, baseada numa economia tributária, um exército que defende o monarca e seus interesses e em uma religião que abençoa diante do povo o modelo de sociedade desigual. A Bíblia detalha, na história dos filhos de Caím, outras situações de poder que agravam a desigualdade implantada pelo neolítico: cidade (Henoc), ambição (Metusael), violência e machismo sem controle (Lamec), dinheiro (Jabel), cultura vendida (Jubal) e armas (Tubalcain).

Israel, filho do neolítico, vive e é vítima do modelo de sociedade desigual que prevalece no Oriente Próximo e Médio. Por isso, aplica ao Egito e às nações vizinhas a lei do mais forte: quem ganha a guerra dispõe da vida do outro e o que perde é eliminado ou convertido em escravo. Isto é, o ser humano, a partir do tempo do neolítico, na disputa sobre os bens da terra, inventa um modelo de sociedade desigual e cria os Deuses da Guerra que o apoiam, justificando em sua consciência a existência de uma

sociedade desigual.

A história de Israel é tecida entre propostas de igualdade e pecados de desigualdade. A Bíblia está repleta desses relatos, agrupados em torno de pessoas e instituições: patriarcas, reis, profetas, líderes, tribos, templo e sinagoga são narrados com realismo e crueza. Mas, precisamente essas histórias (algumas dolorosas e sangrentas e outras plenas de dignidade e paixão) são narradas com a finalidade de servir como elemento de dissuasão ou estímulo para dar o passo rumo à humanização, em que a igualdade é uma das manifestações mais claras.

Quando Israel toca fundo na opressão sob o Egito se confronta com a diferença de viver sob um modelo de desigualdade ou de igualdade social. Amaldiçoa a primeira e luta até a morte pela segunda. Tem êxito, sob a consciência de adorar um Deus libertador, amante da igualdade. E experimenta um caminho de igualdade com a retribalização, que é a recuperação dos valores culturais das tribos, expressão da igualdade cultural, como circuncisão, resgate da Goel, Páscoa unida à libertação, festas agrícolas, etc. No entanto, cai na armadilha do poder e reimplanta a monarquia sob Saul, Davi e Salomão, que garantem a desigualdade. Em resposta aparece o profetismo, defensor da igualdade social baseada na valorização dos pobres, oprimidos e excluídos, chave do julgamento que o profeta faz contra os maus governantes, gestores da desigualdade.

As principais etapas da desigualdade terminam com a destruição do Reino do Norte (Israel, em 722 a.C.) e do Reino do Sul (Judá, em 587 a.C.). Judá, que se crê invencível pela proteção de seu Deus Yahveh, é incendiada, destruída, saqueada, submetida a tributos e desterrada. A consciência de Israel novamente é determinante e se convence de que o destino do ser humano não é a desigualdade, que produz sofrimento e morte, mas a igualdade. E conclui que a desigualdade (escravidão, lei do mais forte e lei do reino animal) não pode ser o projeto que Deus tem para a humanidade. Por isso, ao rever sua história, no tempo do exílio, condena os agentes da desigualdade: o esquecimento de Deus como referência moral (Gn 3); Caim e seus filhos como proprietários dos poderes que desumanizam (Gn 4); Israel, quando escolhe o caminho agradável das “filhas dos homens” (Gn 5-9); impérios organizados para sugar o

sangue das pequenas nações (Gn 10) e a religião que faz o casamento da política com a cultura opressora (Gn 11).

Ao mesmo tempo, a reflexão do exílio insere relatos nos quais aparece a vontade clara de Deus de que os seres humanos vivam em igualdade. Afirmar que é o Plano de Deus configura-se como o maior ato de maturidade humana que chegou Israel. Façamos um breve apanhado na Antiga e Nova Aliança.

Em primeiro lugar, há igualdade da parte do mesmo Deus: “Façamos o ser humano - homem e mulher - à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26-27). Homem e mulher são iguais em direitos e dignidade: “Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2,22-23). Israel deve ser igual às demais nações livres: “Guardem sempre na memória a recordação do dia em que saíram da escravidão” (Ex 13,3). A igualdade social é um projeto divino: “Cada um recuperará sua propriedade e retornará à sua família” (Lv 25,10). Todos devem possuir um território para a sua subsistência: “Repartirás a terra por herança, de acordo com o número de seus homens” (Nm 26,53). O grande Projeto ou sonho de Deus é que “não haverá pobres entre vocês” (Dt 15,4). O que mais se pode dizer e esperar de Deus?

Quando Jesus de Nazaré aparece na Nova Aliança não faz outra coisa senão tentar cumprir o desejo divino de igualdade. E Ele o faz partindo do que significa a sua encarnação: Deus torna-se igual ao ser humano, seguindo o caminho de crescente humanização, como acontece com toda criança (Lc 2,52). Deus, em Cristo, opta pelos pobres, buscando a igualdade (Mt 5,3). Deus, em Cristo, se iguala aos de pior condição (Mt 25,35 ss). Deus restabelece o ano Jubilar, o ano de nivelamento social e econômico (Lc 4,16 ss). Deus, em Cristo, reconstrói a mulher em seus direitos e dignidade (Jo 4,10 ss., quando oferece a ela participação em seu próprio ser, sob a imagem da água que dá a vida eterna).

Paulo dirige-se a uma Igreja inclusiva, igualitária entre homens e mulheres; dez são elogiadas e as saúda nominalmente (Rm 16,1 ss). Finalmente, Paulo apresenta Jesus que, para ser igual ao ser humano, renuncia ao poder que lhe outorga sua divindade (Fl 2,5 ss), indicando que a igualdade pressupõe renúncia, ato de “kénosis”, e torna-se caricatura da encarnação. A igualdade nos assemelha a Deus.